

Crescimento efetivo exige mercado consumidor maior, dizem analistas

Investimentos em infra-estrutura e tecnologia também seriam pressupostos

Luciana Rodrigues

A recuperação prevista para a economia brasileira neste segundo semestre — mais precisamente nos últimos meses do ano — está longe de ser o começo de um ciclo de crescimento vigoroso. Economistas afirmam que haverá apenas uma folga nas amarras que travavam o crescimento, graças à queda dos juros, à melhora na renda dos consumidores com a queda da inflação e ao aumento dos gastos do governo, depois do esforço fiscal recorde no primeiro semestre. Mas uma expansão mais consistente da economia, dizem analistas, dependerá de mudanças estruturais.

— Sem isso, vamos ter de novo o vôo da galinha que vimos nos últimos anos, quando a economia dava um salto e depois caía — afirma a economista Virene Matesco, da Fundação Getúlio Vargas.

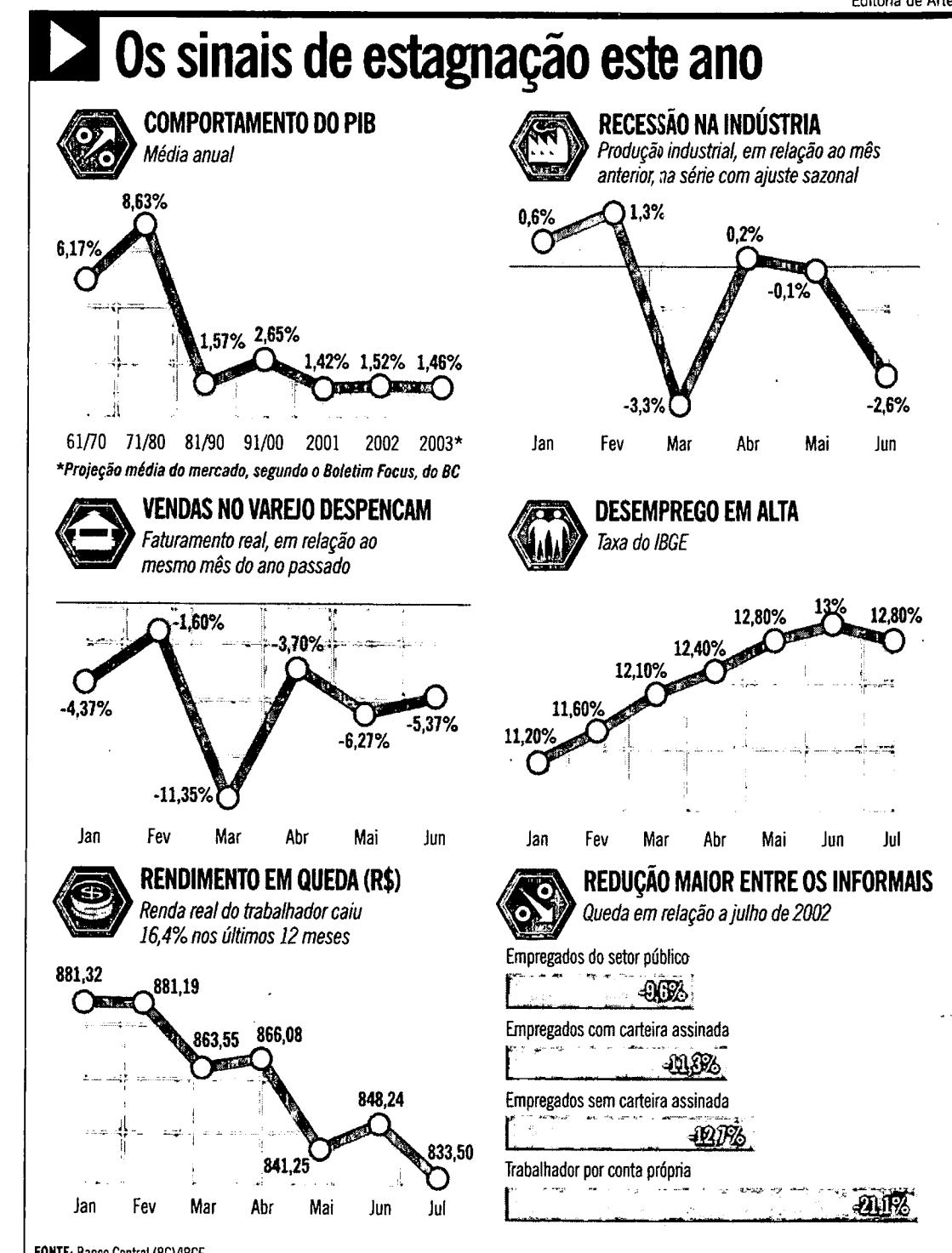
Virene cita como condições indispensáveis para o crescimento econômico os investimentos em infra-estrutura do país, a melhora da capacidade tecnológica da indústria e a ampliação do mercado consumidor brasileiro, via aumento de renda e acesso ao crédito. É do consumo doméstico que virá a recuperação branda prevista para o fim do ano, acrescenta o economista José Márcio Camargo, professor da PUC-Rio:

— A economia voltará a crescer lentamente no fim desse ano e de maneira mais intensa em 2004. Mas, desta vez, a expansão será muito baseada em demanda interna. É o contrário do que ocorreu em 2002, quando a demanda externa puxou o crescimento. Por isso, agora, haverá uma sensação de melhora econômica mais intensa entre os brasileiros.

Segmento mais pobre será o primeiro a sentir melhora

Camargo lembra que os consumidores de baixa renda terão uma maior percepção da retomada econômica. Eles foram os mais prejudicados pela alta da inflação nos últimos meses e, agora, com os preços sob controle, não sofrerão mais perda de renda. Virene diz que é preciso fazer das famílias de baixa renda consumidores efetivos, como forma de dar gás novo à economia.

— Fala-se muito que o Brasil tem um grande mercado consumidor. Mas é um mercado potencial, porque a renda é baixa e o número de excluídos é muito grande. Um exemplo dis-



so é a frota de automóveis do país, que soma apenas 24 milhões — diz Virene.

A economista afirma que, além de cortar os juros básicos, é preciso garantir que as taxas cobradas no crediário também sejam reduzidas, para viabilizar o consumo das famílias de baixa renda.

Fábio Pina, assessor econômico da Federação de Comércio do Estado de São Paulo (Fecomércio-SP), lembra que o ciclo de crescimento sempre começa com a recuperação do consumo. É essa a melhora prevista para o fim do ano, quando as encomendas de Natal também devem ajudar, lembra Pina. Mas, para que a recuperação do consumo dê início a um processo de crescimento sustentado é preciso criar condições para que a indústria volte a investir.

— Antes de conseguirmos uma expansão mais sólida, há etapas a serem cumpridas. O varejo está com muito estoque e a indústria também. Depois que esses estoques forem vendidos, a indústria aproveitará sua capacidade ociosa. Só então poderá haver investimentos. Mas o empresário investe apenas com a economia estabilizada e com marcos regulatórios claros — explica Pina.

'Falta de infra-estrutura, o custo-Brasil de hoje'

Camargo afirma que não há poupança doméstica disponível para financiar investimentos. Assim, não se deve esperar taxas de crescimento espétaculares. Nos próximos anos, diz, o país conseguirá crescer de 3,5% a 4% anuais.

Luiz Carlos Prado, economista do BNDES, acredita que o

Estado terá papel-chave para a retomada dos investimentos. Apesar de os recursos públicos serem escassos, Prado acredita que o governo pode atuar como indutor de investimentos privados. E agir diretamente, destinando recursos para a melhora da infra-estrutura do país e dando incentivos a setores industriais específicos.

— O governo anterior acreditava que só o ambiente macroeconômico estável já seria capaz de garantir crescimento. O atual reconhece a importância de seu papel como agente econômico. É indispensável o investimento em infra-estrutura, sob pena de o crescimento ser abortado por um estrangulamento nas estradas, nos portos, no fornecimento de energia. Esse é o verdadeiro custo-Brasil hoje: a falta de infra-estrutura. ■